

Congresso Internacional de Etnografia de Arnhem

Nos passados dias 20 a 24 de Setembro de 1955, realizou-se, nos edifícios administrativos do Museu ao Ar Livre da Holanda, em Arnhem, o Congresso Internacional da Etnografia, que reuniu os representantes de mais de quinze nações diferentes, sob a presidência geral dos Senhores Dr. Win. Roukens, Director daquele Museu e professor na Universidade de Nimégue e na Universidade de Agricultura de Wageningen, e P. J. Meertens, Director do Gabinete de Dialectologia, Folclore e Onomástica da Academia Real das Ciências da Holanda.

A sessão inaugural deste notável certame, em que se iriam debater os problemas fundamentais das ciências da Cultura — a sua natureza e definições, as bases teóricas em que deve assentar a sua especulação, as suas hierarquias, classificação e nomenclatura, as suas relações com as demais ciências do Homem, os princípios a observar na museologia com elas relacionada, e no seu ensino universitário —, teve lugar nos salões dessa Academia, em Amsterdam, seguindo os congressistas, após o jantar que lhes foi oferecido por aquela instituição, para a cidade de Arnhem, em carruagem especial.

A representação portuguesa era constituída pelo Prof. Dr. Jorge Dias, da Universidade de Coimbra, Director do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular e Secretário-Geral da CIAP, que se fez acompanhar pelo seu assistente naquele Centro de Estudos, Dr. Ernesto Veiga de Oliveira.

Os trabalhos do Congresso iniciaram-se no dia 21, com a leitura da comunicação do professor Jorge Dias, redigida em inglês e subordinada ao título: «*Quintessence of the problem: Nomenclature and subject-matter of folklore. Ethnology, Volkskunde and Folklore*», a que se seguiu o seu comentário pelo Prof. B. Bratanié, da Universidade de Zagreb. Nesse mesmo dia foram ainda apresentadas as comunicações dos Profs. L. Schmidt, da Universidade de Viena, intitulada: «*Die Stellung der Volkskunde im Gefüge der Geisteswissenschaften*», comentada pelo Sr. Dr. O. Loozits, de Uppsala; e do Prof. K. Meisen, de Bonn, «*Volkskunde als Sozialwissenschaft*», comentada pelo Prof. S. Erixon, de Estocolmo. No dia seguinte foram apresentadas as comunicações dos Srs. Drs. H. Stigum, de Oslo — «*National Museums of Folklore as institutions of cultural sciences*» —, J. M. Ritz, da Baviera — «*Die Volkskunde im Rahmen der Kunstgeschichte*» —, comentadas respectivamente por G. H. Rivière, de Paris, e Dr. Perez Vidal, de Madrid (ausente); e

Prof. H. Moser, de Nimégue — «Volkskunde und Sprachwissenschaft» —, comentada pelo Prof. K. Heeroma, de Groningen (Holanda). Finalmente, no último dia, foram apresentadas as comunicações dos Profs. R. Christiansen, de Oslo — «The pro-



ducts of Folklore in the field of the History of Literature» —, comentada pelos Profs. M. Lüthi, de Zurique, e E. Seeman, de Friburgo; e M. Haavio, de Helsínquia — «Volksdichtungsforschung und Volkskund als Universitätsfach» —comentada pelos Profs. P. de Keyser, de Gand, e Stith Thompson, de Bloomington (Indiana, E. U. A.).

Como complemento destes trabalhos, realizaram-se excursões ao castelo de Bergh, em s'Heerenbergh, e ao Museu Nacional Kröller-Müller e Pavilhão de Caça de Santo Humberto, em Otterlo; e, no dia 24, para acabar o Congresso, a Amsterdam, ao longo do rio Vecht, e a Volendam; e tiveram lugar, além da recepção na Academia Real das Ciências, que já referimos, uma outra recepção por parte da municipalidade de Arnhem, e diversas manifestações de carácter etnográfico, no Museu ao Ar Livre, tais como demonstrações de trajas regionais e músicas e danças populares, filmes culturais da especialidade, etc.

O programa oficial do Congresso previa a discussão das comunicações a seguir ao seu co-relato; mas, reconhecendo que a complexidade de alguns dos temas tratados não permitia, dentro do curto espaço de tempo de que desse modo se dispunha, o seu conveniente esclarecimento nem a unanimidade de opiniões quanto às soluções a adoptar, como directrizes do futuro, o Sr. Dr. Win. Roukens propôs que o Prof. Jorge Dias, na sua qualidade de Secretário-Geral da CIAP, ficasse encarregado de nomear uma comissão de especialistas de vários países, para conseguir tal objectivo. Lembramos aqui que já no Congresso Internacional de São Paulo fora tomada a idêntica resolução de entregar à CIAP (organismo integrado na UNESCO) o encargo da solução dos mesmos problemas.

Aproveitando o convite feito pela Academia Real das Ciências da Holanda a alguns dos cientistas que tomaram parte no Congresso de Arnhem para, numa reunião que se seguiria ao mesmo Congresso, aí se debaterem as questões que não tivessem sido suficientemente esclarecidas em Arnhem, tal reunião, que teve lugar em 25 e 26 de Setembro nos salões daquela instituição, em Amsterdam, assumiu as funções da comissão atrás referida, que, por mandato do Congresso, tinha poderes para resolver os problemas de interesse internacional que ficaram em suspenso. Damos a seguir a tradução do texto, originariamente redigido em francês e alemão, do acordo que desse modo se obteve, e que foi firmado pelos treze professores ali presentes:

Após o Congresso Internacional de Etnologia Regional, que teve lugar em Arnhem, de 21 a 24 de Setembro de 1955, os peritos abaixo assinados reuniram-se em Amsterdam, a convite da Academia Real das Ciências. Por força do mandato de que haviam sido investidos pelo Congresso, apresentaram à CIAP as seguintes recomendações:

I — Terminologia

I — Constatando a confusão que resulta em geral do emprego de qualificações nacionais inseparavelmente ligadas às tradições



científicas de cada país ou escola—tais como *etnologia*, *Volkskunde*, *folklore*, *folkmine*, etc. —, os peritos concordaram quanto à necessidade de uniformizar a terminologia internacional que diz respeito aos diferentes ramos e aos diferentes aspectos da ciência que tem por objecto o estudo das diferentes sociedades humanas e das suas culturas. Para qualificar esta ciência, no plano inter-

nacional, eles fixam-se no termo *etnologia*, completado com os atributos de *regional* ou *nacional*, sempre que se queira desse modo distinguir o estudo dos povos sem história escrita.

Na impossibilidade em que se encontravam os Profs. Dölker e Schmidt de falarem em nome dos seus compatriotas da Alemanha e da Áustria, estes peritos ofereceram-se para os consultarem na primeira ocasião, e darem parte à CIAP dos resultados obtidos com a consulta.

2 — Constatando que a aplicação do termo *folclore* a todas as manifestações da cultura de um povo gera as mais desastrosas confusões e prejudica dessa forma o desenvolvimento harmonioso da etnologia (também chamada *Volkskunde*, etc.), os peritos concordaram em recomendar à CIAP que se esforce por conseguir que se restrinja o sentido do termo *folclore*, no plano internacional, ao de cultura espiritual que já lhe é dado por numerosos etnólogos, nomeadamente pela maioria dos especialistas da literatura oral.

3 — Os peritos concordaram em recomendar que a etnologia (também chamada *Volkskunde*, etc.) não se limite a estudar os factos passados ou as suas sobrevivências, mas que abranja igualmente os problemas actuais, nomeadamente os aspectos psicológicos e sociais.

II — *Problemas acerca dos museus de etnologia regional*

1 — Sob reserva de casos excepcionais, a apresentação de objectos isolados é de evitar. Na medida em que o permita o grau de riqueza das colecções, é preferível incorporar os objectos aos temas.

Estes métodos permitem também o alargamento do programa da exposição. Desse modo, não é apenas a cultura material das sociedades interessadas que pode constituir o seu objecto, mas também as suas características sociais e ideológicas.

2 — Um número excessivo de museus apresenta o material das sociedades de que se ocupam exclusivamente segundo categorias sistemáticas. As perspectivas gerais da história correm, por esse motivo, o risco de serem dissimuladas. Estes inconvenientes podem evitar-se, se, numa medida razoável e nas formas que convêm ao caso em questão, a exposição concede um lugar para estes problemas.

3 — Os desenvolvimentos da cultura industrial acarretam o desaparecimento, cada vez mais extenso, de técnicas, formas sociais, actividades estéticas, tradições orais, representações, dentre as quais muitas não foram ainda estudadas convenientemente.

Nos casos em que é ainda possível a sua observação directa, as instituições científicas competentes são convidadas a elaborarem e porem em execução planos de urgência, compreendendo o estudo desses elementos e a recolha dos objectos que deles dão testemunho.

Nas regiões onde ainda não existam instituições científicas e museus das especialidades interessadas, a sua criação é da maior necessidade. No caso de insuficiência de meios ordinários, deve-



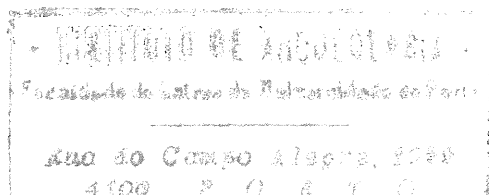
riam, para tais fins, ser solicitados das autoridades responsáveis, meios excepcionais.

4 — Quando se trate de sociedades muito evoluídas, ou seja: de sociedades em via de aculturação industrial, os museus de etnologia regional, sem com isso, por um lado, descurem os fundamentos da cultura, nem, por outro, penetrarem nos domínios dos museus chamados científicos ou técnicos, devem reservar um lugar para os problemas do comportamento do homem perante o maquinismo.

5 — Chama-se a atenção dos museus de etnologia regional para os recursos educativos, neste campo, dos programas de televisão.

III — *Localização das colecções*

A CIAP é convidada para que inste junto da UNESCO e do ICOM e em geral de todas as organizações nacionais e internacionais competentes, no sentido de que os museus, bibliotecas,



centros de arquivos e outros depósitos públicos, se esforcem por que os objectos e outros elementos que constituam as suas colecções sejam affectos, por meio de cessões ou depósitos, às instituições permanentes que sejam mais idóneas para assegurarem a sua valorização.

IV — *Ensino*

1 — Os peritos concordaram em que se recomende à CIAP que, nos países onde ainda não existam cátedras de etnologia nacional ou regional, as universidades pensem na sua criação dentro do mais curto prazo.

2 — No interesse das disciplinas em questão, os peritos recomendam às universidades que associem ao estudo da etnologia regional uma introdução aos princípios da etnologia geral e da história da cultura, e inversamente.

3 — Os peritos concordaram em reconhecer que, tendo em vista a formação dos estudantes, as cadeiras de etnologia devem dispor de uma instituição de pesquisa, relacionada seja com a Universidade, seja com qualquer outra instituição científica.

4 — Considerando a importância da etnologia regional na educação e no ensino, os peritos recomendam que os mestres de todas as escolas secundárias desenvolvam os seus conhecimentos de etnologia regional, e que esta disciplina tenha um lugar reconhecido na formação dos professores primários.

V — *Cooperação internacional*

Os peritos recomendam que se intensifique e se alargue a cooperação internacional nos domínios da etnologia, e isso com a ajuda das organizações e instituições de pesquisa dos diversos países, já existentes ou a serem criadas.

Amsterdã, 27 de Setembro de 1955.

B. Bratanié (Zagreb); R. Christiansen (Oslo); Jorge Dias (Coimbra); Helmut Dölker (Stuttgart); Maartje Draak (Amsterdã); Sigurd Erixon (Stockholm); Oskar Loorits (Uppsala); Georges Henri Rivière (Paris); P. J. Meertens (Amsterdã); Win. Roukens (Arnhem); Leopold Schmidt (Viena); Stith Thompson (Bloomington); Niilo Valonen (Helsinkia).

A primeira destas decisões, que sob a aparência de uma mera questão de terminologia, envolve a revisão e renovação do próprio conceito de ciência da cultura, com todas as implicações metodológicas que tal facto acarreta, pode considerar-se a consagração e a fórmula do triunfo da tese portuguesa, que vem sendo defendida pelo Prof. Jorge Dias há já longo tempo, nas comunicações apresentadas aos congressos internacionais de: Antropologia e Etnologia de Viena, de 1952, sob o título de «Volkskunde und Völkerkunde»; de Folclore de São Paulo, de 1954, sob o de «Características do facto folclórico»; e agora em Arnhem, como indicamos, e que foi progressivamente conquistando a adesão dos cientistas da especialidade.

E. V. O.

A II Reunião Brasileira de Antropologia

Por iniciativa da Universidade da Baía, Faculdade de Filosofia, e Fundação para o desenvolvimento da Ciência na Baía, teve lugar, nessa cidade brasileira, a II Reunião Brasileira de Antropologia, que realizou os seus trabalhos nos dias 3 a 8 de Julho último, sob a presidência do Prof. Thales de Azevedo, da Universidade da Baía, ladeado pelos Profs. Manuel Diégues Júnior e René Ribeiro. Nela foram apresentadas numerosas comunicações, versando temas de antropologia física e cultural, linguística, mitologia, sociologia, arqueologia, aculturação, etc., merecendo especial referência as conferências dos Profs. Darcy Ribeiro, Director do Museu do Índio, René Ribeiro, do Instituto Joaquim Nabuco, sobre a questão da «Personalidade e Cultura», e Egon Schadon, sobre problemas de aculturação no Brasil, nomeadamente os que se relacionam com as imigrações alemãs e japonesas.

Em seguida à leitura das demais comunicações, tinham lugar os debates que elas sugeriam, e que constituíam um pretexto para uma fecunda troca de opiniões e informações.

Este congresso patenteou claramente o notável progresso que se verifica nos estudos e actividades antropológicas do Brasil nos últimos dois anos, assinalado principalmente pela experiência do Curso de Antropologia, ora em funcionamento no Museu do Índio, pela criação da cadeira de Etnografia do Brasil e Língua Tupi, e do Instituto Nacional da Emigração e Colonização, com um Departamento de Estudos e Planejamentos para a